

Fernando Pessoa

Fernando Pessoa é um dos grandes poetas portugueses, do final do século XIX e início do século XX. A sua obra insere-se no Modernismo. A principal obra em seu nome é Cancioneiro, onde constam as principais poesias.

A versificação que usa na sua obra é muito tradicional (quodras e quintilhas, versos curtos, redondilhas), encontramos uma regularidade estrófica, métrica e rimática.

O vocabulário é geralmente simples e natural, a pontuação é emotiva, que em conjunto com a rima e a presença de aliterações, dão uma musicalidade à obra.

O simbolismo está muito presente

As temáticas de Pessoa:

- Fingimento artístico

Para Pessoa o “eu” poético não é capaz de sentir, apenas fingindo que sente, o verdadeiro sentimento está em quem lê (Autopsicografia).

Pessoa vai contra a ideia romântica de que o que está escrito é um reflexo dos sentimentos do autor, que confessa publicamente o que sente para o leitor.

A obra é produto da imaginação e inteligência. O autor no momento da composição finge sentir para por essas emoções no papel, mesmo assim a verdade não deixa de estar presente.

A verdade é trabalhada pelo artista, mas não sentida por ele. Quem sente realmente é o leitor, que dá significado às palavras.

O fingimento poético está também relacionado com o privilégio de pensar, algo que não é sempre possível. Muitas vezes Pessoa destaca a incapacidade de pensar das suas personagens, levando o eu poético a destacar a inveja que sente em relação aos outros personagens, exatamente por estes terem incapacidade de pensar.

A dor sentida, a dor fingida e a dor lida são três dores completamente diferentes. O eu poético e as outras personagens sentem uma dor, que no fundo não é real, correspondendo a dor sentida.

O poeta não sente, pois apenas finge a dor para a poder por no papel. Já o leitor sente uma dor (lida) que lhe é transmitida pelas personagens sem ter a necessidade de a sentir verdadeiramente.

- A dor de pensar

Este tema aparece constantemente na obra de Pessoa, pois a capacidade de pensar provoca dor. O desejo premente de não pensar faz parte da essência de Fernando Pessoa. Este inveja a vida de animais e de flores, pois não têm que pensar, apenas sentem e deixam-se reger pelas leis da natureza.

A lucidez é um problema para Pessoa, uma vez que cria uma dualidade de sentimentos (ser conscientemente inconsciente).

A dicotomia sonho/ realidade é constante, pois o eu poético é usa o sonho como forma de evasão de uma realidade, na qual se sente preso.

A realidade é um lugar onde só encontra tédio (desalento e angústia), estranheza (desconhecimento do próprio ser) e perda da identidade (fragmentação interior).

- A nostalgia da infância

Fernando Pessoa sentia saudade da infância, uma grande nostalgia, intelectualmente trabalhada da sua infância, visto que sente saudades não do que se viveu, mas daquilo que desejávamos ter vivido.

A nostalgia presente é quase sempre a de um bem perdido, no caso, o eu poético evoca a infância que já passou e não pode voltar.

Este autor acreditava que a saudade é um símbolo de pureza, inconsciência, sonho e paraíso perdido. O presente tornou-se difícil de ser vivido, sendo o passado um refúgio.